

Proletários de todos os países: UNI-VOS!



Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS!



Ante a ofensiva da repressão fascista A LUTA PROSEGUE

A Comissão política do Comité Central do Partido Comunista Português tornou público no passado mês de Outubro um documento em que aprecia a situação política actual e aponta as direcções fundamentais de actividade para o prosseguimento da luta. Dada a excepcional importância deste documento, já amplamente divulgado, o «Avante» reproduz dele largos extractos encimados por subtítulos da nossa responsabilidade.

M. Caetano deixa cair a máscara «liberalizante»

«Ao fim de três anos de governo Marcelo Caetano não só não ousa sequer fazer um balanço da sua acção, que desmentiria todas as suas demagógicas promessas, como nenhuma outra perspectiva tem para apresentar ao povo português senão «grandes dificuldades» que é possível que cresçam em número e em gravidade». Assim será de facto e inevitavelmente, se prosseguir a política de exploração desenfreada dos trabalhadores, de repressão, de guerra colonial, de submissão ao imperialismo estrangeiro.

O governo de M. Caetano, responsável pelas dificuldades que o país atravessa, toma também sobre si inteira responsabilidade das horas sombrias que a sua política, e só ela, trará ao povo português e à nação portuguesa.

Não é por acaso que, ao fim de três anos M. Caetano deixa cair a máscara «liberalizante» e exhibe ostensivamente, nas palavras e nos actos, a verdadeira face, violenta e arbitrária, da ditadura fascista. Esse facto é uma constatação da incapacidade do governo para resolver qualquer dos grandes problemas nacionais. É uma constatação do fracasso da «demagogia liberalizante», ou seja, do fracasso da tentativa, de, com promessas, manobras, mudanças de nomes, paródias de «reformas», sustentar a luta da classe operária, das forças democráticas, da juventude.

A demagogia «liberalizante» não conseguiu paralisar a luta popular. Tão pouco o conseguirá a vaga de repressão agora em curso.

As ameaças e a repressão, as forças revolucionárias responderão cerrando fileiras e preparando-se para mais duros combates. A luta de massas continuará. Como sempre sucedeu na história, o governo, semeando ventos, colherá tempestades. Com máscara «liberalizante» ou sem ela, a ditadura fascista acabará por ser derrotada.

A luta desenvolveu-se em numerosas frentes

«A classe operária e as massas trabalhadoras, tendo à frente as suas Comissões, fazendo reclamações, abaixo-assinados, concentrações, paralisações e greves, alcançaram importantes êxitos na luta pelas suas reivindicações.

Nos sindicatos fascistas, os trabalhadores desenvolveram amplas lutas de massas, conquistaram numerosas direcções de sindicatos nacionais, serviram-se dos sindicatos para defender com êxito os seus interesses de classe, criaram um amplo e combativo movimento sindical, livre da tutela e do controle do patronato e do seu governo fascista.

O movimento democrático, unido numa ampla frente, antifascistas de todas as tendências, criou novas formas de organização, formou estruturas, pôs em marcha movimentos, conduziu e conduziu importantes lutas por objectivos concretos e imediatos, resistiu a todas as tentativas fascistas para impedir completamente a sua acção legal e semi-legal.

A Juventude ganhou um papel de primeiro plano em todas as frentes de luta, dando militantes combativos e aguerridos. A juventude trabalhadora defendeu os seus interesses nos locais de trabalho, desenvolveu numerosas iniciativas, formou activos núcleos de defesa dos interesses juvenis. O movimento dos estudantes prosseguiu o seu combate, fez frente à demagogia e à repressão, continuou defendendo a independência das suas associações.

Os intelectuais, resistindo às tentativas de suborno, continuaram a luta em defesa da cultura nacional e pela liberdade.

A luta contra a guerra colonial alcançou novo grau do seu desenvolvimento, vencendo o «tabu» da discussão do problema colonial, formando um grande movimento de opinião, manifestando-se em acções de descontentamento e resistência em unidades militares, aumentando o número de refractários e desertores e expressando-se nas acções da ARA dirigidas directamente contra a máquina de guerra colonialista.

Em todas as frentes de luta, reforçou-se, no fundamental, a unidade de acção dos trabalhadores, de democratas de todas as tendências. Atitudes divisionistas aca-

O Quartel General do Comiberlant DURAMENTE ATINGIDO PELA ARA

A ARA infligiu uma nova derrota política ao fascismo. O quartel general do «Comiberlant» — em Oeiras — foi duramente atingido por uma acção corajosa e certa dois dias antes do governo de traição nacional de M. Caetano proceder à sua entrega ao comando americano da NATO. A ARA interpretou os sentimentos patrióticos do nosso povo.

A nova acção da ARA insere-se também na luta das forças antifascistas portuguesas contra a NATO — instrumento do imperialismo contra a paz e a liberdade dos povos, veículo através do

qual as potências imperialistas têm canalizado a sua ajuda ao fascismo português nas guerras coloniais que conduz contra os povos de Angola, Guiné-Bissau e Moçambique. A ARA interpretou os sentimentos pacíficos do nosso povo e a sua solidariedade militante aos povos das colónias portuguesas.

Ao proibir os jornais e outros órgãos de informação de aludir ao acontecimento, o governo de M. Caetano confessa a dureza do golpe sofrido, golpe que vem demonstrar as mentiras alardeadas em discursos e notas oficiais sobre a pretensa «destruição» da ARA.

O governo não pôde, no entanto, impedir que a notícia se espalhasse no País e fosse rapidamente conhecida em todo o mundo, objecto que foi de largo noticiário das agências noticiosas e dos jornais e rádios de muitos países.

Reagindo aos esforços do governo para silenciar a acção da ARA, o «Avante!», órgão livre da imprensa portuguesa, transcreve o comunicado do Comandó Central da ARA sobre o acontecimento:

(cont. na 2ª pag.)

baram por isolar os seus autores e, em qualquer caso, não conseguiram alterar a grande corrente unitária do movimento revolucionário e antifascista português.

Embora com um desenvolvimento irregular, trata-se de um importante assenso da luta popular desde 1968, voltando contra o governo a sua própria demagogia e deitando por terra os planos fascistas de «pacificação» e «demitificação» da opinião e da vontade populares.»

Acusações de «terrorismo» para justificar o terrorismo fascista

«Marcelo Caetano não insiste já nas promessas de «tolerância» e de «restauração das liberdades». Passadas à história as eleições-burla, desacreditadas as pseudo-reformas, três anos passados do governo, M. Caetano mostra o regime com a sua verdadeira face: a recusa aberta, declarada e ostensiva de quaisquer direitos e liberdades, a linguagem da intimidação, da repressão e da guerra, a defesa do fascismo como tal».

Depois de caracterizar a intensificação da repressão contra o movimento democrático; os trabalhadores e a juventude e de denunciar o prosseguimento e intensificação das criminosas guerras coloniais, o documento da C.P. do C.C. assinala:

«Tal como no tempo de Salazar, a PIDE, com o novo nome de DGS, espia e ameaça todos os sectores da vida nacional, prossegue as prisões arbitrárias, as torturas, as acusações infundadas, as operações de intimidação, toda a espécie de atropelos, ilegalidades, brutalidades e violências».

E prossegue mais adiante:

«Prendendo destacados dirigentes da luta reivindicativa nas empresas, dirigentes sindicais, dirigentes democratas, dirigentes estudantis, o que o governo tem em vista é decapitar e intimidar os diversos sectores onde se desenvolve a luta popular de massas.

O governo procura também naturalmente atingir a frente da luta contra a guerra colonial, designadamente a «Acção Revolucionária Armada» (ARA). Mas a presente ofensiva não atingiu tal objectivo.

A acusação de «terrorismo» feita aos presos é completa falsidade.

(cont. na pag. 2)

Denunciar as torturas! RESPONSABILIZAR O GOVERNO!

«17 dias de tortura do sono. Mais de 400 horas seguidas. Tortura particularmente cruel. Nada disse. Nada assinei.» Assim, «sobriamente, fala o camarada António Gervásio da brutal tortura a que foi submetido pela PIDE-DGS e da coragem e intrepidez revolucionárias com que enfrenta, uma vez mais, os esbirros da ditadura.

As torturas infligidas a A. Gervásio, membro do CC do PCP, operário agrícola, antigo dirigente de grandes lutas no Alentejo, bem como as que foram aplicadas ao jovem operário José Pedro Soares, ao estudante de agronomia José António Ribeiro Lopes e outros presos são mais uma gritante acusação contra esse instrumento monstruoso do regime que é a PIDE, rebatizada de DGS por M. Caetano.

Urge intensificar a luta contra a repressão! Urge denunciar as torturas e os crimes perpetrados pela PIDE, responsabilizar por eles o chefe do governo e os ministros individualmente! Os únicos crimes políticos que se praticam no nosso país são os hediondos crimes do governo de M. Caetano contra os seus adversários políticos.

A LUTA PROSSEGUE

(cont. da 1ª pág.)

de é seria ridícula, se não envolvesse o propósito de justificar as maiores violências e as mais severas condenações. Tal acusação faz parte duma operação de intimidação cuidadosamente ensaiada. É característico que meses atrás, ao mesmo tempo que fazia silêncio sobre as acções da ARA, que despertaram largo apoio do povo português, M. Caetano atribuiu à Oposição descarrilamentos (que ou foram acidentais ou actos provocatórios) e atentados pessoais (que ainda hoje se não sabe se foi a Pide ou a Legião que os preparou). O esquema do governo é simples: acusa a ARA de actos terroristas que não praticou e acusa-a ao mesmo tempo de ser «uma ramificação do PCP»; acusa todos os presos de serem membros do PCP; sendo membros do PCP, são acusados de pertencerem à ARA; e, sendo da ARA, são acusados de «terrorismo»!

O PCP tem apoiado e continuará a apoiar as justas acções da ARA (organização autónoma com formas específicas de acção) e manifesta a sua solidariedade aos corajosos militantes que a repressão fascista procura atingir. Sublinha, ao mesmo tempo, que as acções da ARA nada têm a ver com terrorismo, bastando dizer que acções tão complexas como a do «Cunene», da destruição do material militar no porto de Lisboa, a de Tancos e a da Reunião da OTAN em Lisboa, foram realizadas sem perda de vidas. O PCP sempre se opôs e continua a opôr-se a actos de terrorismo, que só aventureiros irresponsáveis ousam defender, dando assim pretexto às acusações e à repressão fascista.

E continua:

«As acusações de «terrorismo» contra militantes do movimento operário, sindical, democrático e juvenil, contra o PCP, contra a ARA, são uma tentativa de justificar o único verdadeiro terrorismo actualmente existente em Portugal: o terrorismo fascista contra todos os portugueses que se opõem à sua política actual.

O ódio e a sanha do governo e da PIDE dirigem-se como sempre, com particular violência contra o PCP, porque o PCP é o único partido político revolucionário existente e porque a sua actividade é de capital importância para o desenvolvimento de todo o movimento popular e antifascista.

Publicando nos jornais e fazendo transmitir na TV os retratos de alguns dirigentes do Partido e outros quadros destacados, o governo procura atizar a «caça aos comunistas».

O PCP está certo de que estes repugnantes métodos terão do povo português a resposta que merecem. Os trabalhadores, o povo português, ajudarão uma vez mais a ocultar, a proteger, a defender os seus combatentes de vanguarda perseguidos e ameaçados pelo inimigo fascista.

Como sempre sucede nas «curvas abertas da estrada revolucionária», saltam do «carro da

revolução» os elementos mais débeis e vacilantes. Como sempre também, em tais momentos revelam-se os melhores combatentes, multiplicam-se os verdadeiros revolucionários.

O Comité Central, os quadros profissionais, todos os membros do Partido, continuarão nos seus postos. O PCP continuará a cumprir com honra os seus deveres para com os trabalhadores e o movimento antifascista.

Abrir caminho para os combates decisivos

Para o prosseguimento da luta a C.P. do C.C. aponta um plano imediato de acção nas três frentes fundamentais:

«BATALHA PELO PÃO

— É necessário continuar firmemente, nas empresas, a luta por melhores salários, (que sofrem dia a dia uma redução real pelo aumento dos preços) e por outras reivindicações.

— É necessário continuar firmemente a luta contra a carestia de vida.

— É necessário organizar a luta, reforçar o apoio das massas às Comissões de Unidade nas empresas, reforçar a acção das massas nos Sindicatos Nacionais, fazendo aí concentrações, discutindo amplamente os contractos colectivos, apoiando as direcções que defendem os interesses dos trabalhadores e estão por isso ameaçadas de serem demitidas e sofrerem a repressão fascista. É necessário prosseguir corajosamente com um amplo apoio de massas o movimento sindical libertado do controle patronal e fascista.

Os trabalhadores não cederão às ameaças e à chantagem fascista e prosseguirão as reclamações, assembleias, os abaixo-assinados, as concentrações, a greve, para obter a satisfação das suas justas reivindicações.»

«BATALHA PELA LIBERDADE

— É necessário insistir firmemente na defesa e na consolidação das estruturas semi-legais do movimento democrático, reanimar a sua iniciativa política, desenvolver e reforçar a unidade.

— É necessário prosseguir na luta por objectivos concretos imediatos, através das organizações e movimentos específicos: contra a repressão, pela libertação dos presos políticos, pela Amnistia, contra as medidas de segurança, pela liberdade de expressão do pensamento, e outras.

As forças democráticas não cederão às ameaças e à chantagem fascista e prosseguirão as reuniões, as exposições, as iniciativas, as acções de esclarecimento, os protestos, na luta contra a opressão e o regime fascista e pelas liberdades fundamentais.»

«BATALHA CONTRA A GUERRA COLONIAL

— É necessário não permitir que a abordagem da questão colonial se torne novamente um

problema «intocável».

— É necessário alargar o movimento de opinião contra a guerra, a reclamação do fim da guerra colonial e da abertura de negociações com os representantes legítimos dos povos de Angola, Guiné e Moçambique.

— É necessário prosseguir, a campanha de esclarecimentos para ganhar massas cada vez mais amplas para a ideia de reconhecimento aos povos das colónias portuguesas o direito à imediata e completa independência.

— É necessário intensificar mais o movimento de resistência da juventude, multiplicando as deserções e as recusas a ir combater para as colónias, ampliando a agitação e a propaganda nas unidades militares contra a guerra colonial.

— É necessário continuar pelo caminho das acções dirigidas directamente contra o aparelho da guerra colonial.

Na guerra que o fascismo conduz contra os povos irmãos de Angola, Guiné e Moçambique, caem todos os dias jovens portugueses vítimas dum empreendimento criminoso cujo principal objectivo é defender os interesses sórdidos dos grandes grupos monopolistas.

O povo português, aliado dos povos das colónias portuguesas na luta contra o fascismo, o colo-

nialismo e o imperialismo, exigirá com força crescente o fim da guerra colonial.»

«Nestes objectivos, salienta a C.P. do C.C., estão interessadas todas as forças sociais antimonomopolistas, todas as forças políticas democráticas, todos os sectores da Oposição antifascista.

O PCP continuará fiel à sua política de Unidade. Unidade de acção dos trabalhadores, da juventude, dos democratas. Unidade sem discriminações de todos os que se opõem à política anti-popular e antinacional do governo de M. Caetano.»

«A luta pela instauração da liberdade política e o fim da guerra colonial, são a plataforma essencial de unidade de todas as forças da Oposição.»

«O momento político exige grande serenidade — assinala a C.P. do C.C., observando a seguir: A crise do regime continua. As suas contradições e dificuldades agravam-se, como o próprio governo reconhece.»

E a terminar:

«Proseguindo a luta nas várias frentes, utilizando as mais diversas formas de organização e acção, o povo português abrirá caminho para os combates decisivos que porão fim à sinistra ditadura fascista e colonialista e conquistará a liberdade do povo e a verdadeira independência da pátria.»

O Comiberlant atingido pela ARA

(cont. da 1ª pág.)

«1. Na madrugada de 27 de Outubro de 1971 um comando da A.R.A. penetrou no recinto militar do novo Quartel General do «Comiberlant» (Comando da Área Ibero-Atlântica da NATO), em Oeiras—Lisboa—e colocou audaciosamente no edifício central uma potentíssima carga explosiva que lhe provocou uma devastadora destruição. Abriu, nomeadamente, uma grande cratera no interior do edifício, fez ruir uma parte do pavimento do primeiro andar e paredes, destruiu as instalações electrónicas e a grande placa frontal a toda a altura do edifício assim como toda a estrutura em vidro.

Não morreu ninguém, nem houve feridos. A força da Armada de guarda ao Quartel General saiu ileso em virtude da preocupação constante da A.R.A. em evitar, o mais possível vítimas acidentais, o que obrigou, aliás, o comando que executou a acção a correr maiores riscos e a aceitar-se que a destruição não fosse ainda maior.

«2. Levada a cabo, com êxito total, dois dias antes da projectada entrega solene do Quartel General do «Comiberlant» pelo chefe de Estado e ministros fascistas ao comando americano da NATO, esta acção da A.R.A. insere-se na sua luta contra a ditadura fascista que oprime o povo português, contra as condenadas guerras coloniais de Angola, Guiné e Moçambique, contra o imperialismo,

inimigo da liberdade e da Paz e o seu instrumento mais belicoso — a NATO.

«3. Face à campanha do governo e da PIDE (DGS) tendente a confundir a opinião pública nacional e internacional acerca do significado das suas acções e do pretensio êxito das vagas repressivas desencadeadas pela D.G. de segurança, o Comando Central da A.R.A. declara:

a) *contrariamente ao que afirmam as várias «notas oficiais», até agora não foi preso nenhum elemento dos comandos da A.R.A. nem qualquer militante da sua organização, sendo portanto completamente falsa a acusação de que os antifascistas presos pertencem à A.R.A.*

Com tais falsidades a policia pretende disfarçar o seu fracasso de não ter conseguido até ao presente atingir a A.R.A. e, ao mesmo tempo, justificar a violenta repressão contra os trabalhadores e os democratas.

b) *Expressando a sua solidariedade de combate a todos os antifascistas vítimas da repressão e particularmente ao Partido Comunista Português, alvo principal do terror fascista, o Comando Central da A.R.A. esclarece uma vez mais, que a Acção Revolucionária Armada é uma organização autónoma no quadro geral do movimento revolucionário português e como tal conduz a sua acção revolucionária.*

c) *Reafirmando os princípios enunciados desde o seu primeiro comunicado, princípios que nada têm a ver com terrorismo, que o governo pretende imputar-lhe, a A.R.A. prosseguirá vigorosamente a sua acção revolucionária que tão grande apoio encontrou junto das massas trabalhadoras e do povo português.»*

Do descontentamento à acção combativa

PARALISAÇÕES NA GOVILHÃ Lutas noutras empresas

As descaradas e sucessivas manobras do governo e do patronato para retardarem o mais possível a assinatura do novo Contrato Colectivo de Trabalho, os operários de lanifícios de várias fábricas da Govilhã respondem com a intensificação da sua luta nas empresas reivindicando aumento de salário.

600 operários na ERNESTO CRUZ paralisaram o trabalho durante 2 horas; paralisaram também os operários da secção de ultimateção da NEVES CARDOSO, onde alcançaram um aumento de 4800 diários. Os operários da secção de tecelagem da NOVA PENTEAÇÃO, onde o patronato prometeu ir estudar a situação, e noutras empresas.

Ante a crescente disposição combativa dos trabalhadores e o alastramento da sua acção que, embora prosseguindo no campo sindical, está a ser sobretudo canalizada para as empresas, o patronato e o governo não conseguem esconder os seus receios, recorrendo quer às falsas promessas quer à repressão.

Enquanto que na ERNESTO CRUZ o patronato respondeu à acção dos trabalhadores com 16 despedimentos, o delegado do Instituto Nacional de Trabalho acompanhado dum dirigente sindical laicista (António Maria Antunes) andou de porta em porta pelas empresas apoiando o patronato numa intensiva acção demagógica, apelando para a calma e a colaboração dos trabalhadores.

Que os trabalhadores sabem que a colaboração só pode e deve existir entre os que são vítimas da mesma exploração e opressão, demonstraram-no já em acções de solidariedade para com os seus camaradas despedidos.

Noutras empresas, também os trabalhadores estão transformando em acção o seu descontentamento, tal como os operários da indústria dos lanifícios, sabem que a calma dos trabalhadores apenas favorece os seus exploradores.

Na SOTAL (Oliveira de Azeiteiros), os operários (cerca de 50) permaneceram de braços caídos diante das máquinas durante toda a manhã num dos primeiros dias de Setembro, para exigir o pagamento do subsídio de férias que a empresa lhes recusava, tendo-o conseguido.

Na SAMPAIO FERREIRA (Riba d' Ave), os operários da secção de estampanaria (cerca de 30) estiveram paralisados durante uma tarde inteira, protestando contra o injusto castigo aplicado a um camarada. Aconselhado pela Pide para quem apelou, o patrão despediu o operário castigado no dia seguinte e ameaçou os restantes de despedimento se não voltassem ao trabalho. Esta acção repressiva não encontrou da parte dos trabalhadores a resistência unida que se impunha.

Na RABOR (Ovar), os operários reivindicam o pagamento do 13º mês com efeito retroactivo desde 1968 porque os seus exploradores americanos deixaram arbitrariamente de o fazer.

Dando prova da sua decisão combativa cerca de 130 operários concentraram-se em Aveiro e foram ao delegado do Instituto Nacional de Trabalho apresentar a sua reivindicação.

Na ESMALTAL (Porto), os trabalhadores movimentam-se em defesa de regalias conquistadas que o patronato lhes está roubando, nomeadamente redução de dias nos períodos de férias e manobras para tirar os respectivos subsídios, em que têm sido particularmente atingidos os operários jovens mandados para o serviço militar e os operários com 3 anos de casa.

Nos SERVIÇOS DE TRANSPORTES COLECTIVOS DO PORTO, a administração concedeu pequenos aumentos procurando iludir o descontentamento dos trabalhadores ante as miseráveis condições que está procurando impor no C.C.T. o qual acaba de entrar na fase da arbitragem. Mas os aumentos não convenceram ninguém matendo-se a disposição combativa dos trabalhadores.

Trabalhadores! As promessas e os «conselhos», venham elas do patronato, de membros do governo ou de dirigentes sindicais laicistas, têm apenas um fim: confundir-vos, enganar-vos, impedir o avanço da vossa luta, para que assim seja mantida e intensificada a exploração a que estais sujeitos.

Embora devendo continuar a servir-vos dos Sindicatos nacionais, é na empresa o vosso principal campo de batalha.

Adiante, pois, pelo fortalecimento da vossa organização nas empresas, criando e apoiando Comissões de Unidade que orientem e conduzam a vossa luta!

Adiante, para formas de luta mais unidas, firmes e audazes!

RESPONDER AO AUMENTO DE PREÇOS COM NOVAS LUTAS POR AUMENTO DE SALÁRIOS

O governo assustou-se com o descontentamento profundo e o clamor geral que por toda a parte se começou a manifestar contra a subida do custo de vida. Esta vinha a processar-se aceleradamente ao longo do ano, como o «Avante!» por várias vezes denunciou, mas registou um súbito agravamento nos meses de Setembro e Outubro, ao mesmo tempo que produtos como o leite, a manteiga e o arroz começaram a escassear no mercado.

Em poucos dias, o governo apareceu com duas notas oficiosas, uma do Ministério da Economia, outra da Secretaria do Estado do Comércio, M. Caetano fez da carestia de vida tema de uma palestra, o Secretário do Comércio, Xavier Pintado, deu entrevista à televisão, ministros e outros próceres do regime aludiram ao assunto avulsamente em discursos e intervenções.

O que fica desta avalanche de palavras? Vai o governo tomar medidas?

Não, no palavreado emaranhado dos governantes fica claro que não é disso que se trata.

As notas ofiosas não adiantam nada, os preços do pão e do leite, directa ou indirectamente, aumentaram, de facto, e o mais directo responsável do governo por estas coisas, o Secretário Pintado, veio «pintar» descaradamente para a televisão. Reconheceu ele, depois de várias desculpas e explicações, que as carnes, o peixe fresco, o bacalhau, as hortaliças, os produtos lácteos aumentaram, mas acrescentou que foi só isto. É mentira! Se fosse só isto já não seria pouco, pois, trata-se praticamente de tudo que é essencial na alimentação, mas além de tudo isto, aumentaram também: o azeite (2\$00 desde Abril); o óleo (2\$00, recentemente); as massas (2\$00 desde o princípio do ano); o vinho engarrafado (de 3\$50 a 6\$00 nos 5 litros, desde Abril); a farinha de trigo, o açúcar, o feijão, o grão, o pão de milho, o pão de mistura. Tudo aumentou desde há um ano, Sr. Pintado, até o sal. Desde que M. Caetano tomou a chefia do governo a carne de vaca subiu 12\$00 em

quilo, a carne de vitela e de carneiro mais de 20\$00, o bacalhau entre 15 e 20\$00.

É, porém, a palestra de M. Caetano que demonstra com toda a evidência que o governo não se propõe encerrar qualquer medida para debelar o problema. Afirmando que a questão do encarecimento da vida não é só nossa, que não pode prometer para amanhã a sua solução, que não é um caso de polícia, etc., chegou à sua grande tese: «Exigências excessivas e desproporcionadas de salários que vão repercutir-se imediatamente nos preços são contrários aos verdadeiros interesses dos trabalhadores».

M. Caetano traiu-se. O que o preocupa realmente não é o agravamento das condições de vida das massas trabalhadoras. O que o preocupa são as lutas por aumento de salários que eclodirão inevitavelmente. O que o preocupa é a defesa dos sacrossantos lucros dos capitalistas. Por isso ele vem como um bombeiro de opereta clamar: «Se entramos pelo caminho das reivindicações impossíveis de satisfazer e das insatisfações permanentes, pode suceder que o que desejamos nos saia ao contrário.» E mais à frente: «o pânico causa sempre mais vítimas que o acidente.»

A palestra de M. Caetano é, no fundo, um esforço para convencer o povo português a não lutar, a aceitar a miséria que invade os seus lares e o agravamento da exploração de braços cruzados, enquanto o governo queima anualmente cerca de dezena e meia de milhões de contos nas guerras coloniais e com as forças repressivas, enquanto os grandes monopólios arrecadam lucros cada vez mais gigantescos, enquanto a alta burocracia fascista vive no luxo e na opulência.

Nada há a esperar portanto do governo para combater a subida do custo de vida, ele é o primeiro responsável pelo agravamento dos preços.

A subida do custo de vida tem que ser combatida pelo desencadeamento de grandes lutas das massas trabalhadoras por aumento de salários coordenadas com acções maciças de mulheres e das massas populares contra a carestia de vida.

DETERMINAÇÃO E ESPÍRITO DE CLASSE Na defesa e reforço do movimento Sindical

Ao contrário do que esperavam o governo e o patronato com a sua recente vaga repressiva e toda a demagogia caetanista, os trabalhadores continuam a utilizar os Sindicatos Nacionais como campo de luta sem aceitarem as regras do jogo corporativista.

Os bancários prosseguem a luta contra a repressão, contra as Comissões Administrativas e em defesa dos seus interesses imediatos. Em reuniões de associados em Lisboa e no Porto, os trabalhadores expressam o seu não-reconhecimento das Comissões Administrativas e exigem a normalização da vida sindical com

elementos escolhidos e eleitos pelos trabalhadores para as direcções dos Sindicatos.

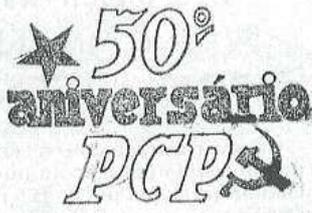
Reagindo contra a vaga repressiva que está atingindo o movimento sindical, vários Sindicatos e centenas de trabalhadores individualmente levam a cabo numerosas acções de solidariedade. Os Sindicatos dos Metalúrgicos do Porto e Braga, dos operários da indústria química, dos Lanifícios de Lisboa, dos Serviços Sociais e outros publicaram documentos protestando contra as prisões de dirigentes sindicais e o encerramento de sedes dos Sindicatos. Um grupo de têxteis do

Porto reunidos no Sindicato, enviou um telegrama de protesto, contra a prisão de Daniel Cabrita ao Subsecretário do Trabalho e um telegrama de solidariedade à direcção do Sindicato dos Bancários de Lisboa. Ao Tribunal de Trabalho onde estão a ser arbitrariamente julgados os elementos da direcção do Sindicato dos Metalúrgicos de Lisboa chegaram mais de 300 telegramas de solidariedade. Após a prisão de Francisco Barbosa, membro da Comissão Sindical dos Trabalhadores dos Serviços dos Transportes Colectivos do Porto, esta Co-

(cont. na 4ª pág.)

CAMPANHA DE FUNDOS

Ultrapassámos os 1.000 contos!



Ao saudar os militantes, simpatizantes e amigos do Partido não grande esforço realizado, pela compreensão política manifestada, pelas provas de sacrifício do ponto de vista económico de muitos, para que ao Partido não faltem os meios financeiros mínimos para actuar, a C. Executiva do Comité Central à todos diz: **Bom trabalho realizado, camaradas e amigos!**

Com as quantias que publicamos neste número do **Avante!**,

chegámos aos 1.061.238\$30. É preciso chegarmos mais além até ao fim do ano, pelo que apelamos para que todos desenvolvam novos esforços nesse sentido.

Como é natural, muitas quantias a receber até ao dia 31 de Dezembro de 1971 só chegarão à redacção do «Avante!» um pouco mais tarde, pelo que pedimos aos camaradas que nos indiquem a partir de Janeiro as rubricas que eram destinadas à Campanha do 50º aniversário do Partido.

XXX

Transporte 978.355\$30	Id. M. Rod. da Silva (D)	410\$00	Id. (A) 35\$00	Negro 50\$00
A ARA marca posição 2.000\$00	Mário Sacramento	200\$00	Id. (M) 3\$00	Saudações Académicas ao Partido 1.050\$00
A juventude está com o P. 112\$00	Marx, Engels, Lênine	1.000\$00	Economista amigo do P. 1.000\$00	Saudamos 50º aniv. P.C.P. 250\$00
A lutar ven. ceremos 50\$00	Metalúrgicos Verme-lhos	500\$00	Econo-mista 500.000	Sêrgio Vilari-gues 300\$00
A memória de Saboga 360\$00	Id. 20\$00	150\$00	Em defe-sa da ARA 2.940.00	Solidarie-dade (S) 350\$00
Id. 400\$00	Id. 30\$00	150\$00	Emble-mas 600.00	Têxtil verne-lho 50\$00
Id. 3.900\$00	Id. 26\$00	30\$00	Id. 10.00	Tribuna livre 40.00
Id. 500\$00	Id. 60\$00	250\$00	Emblemas do P. 400.00	Id. 60.00
A memória do fi-lho de Dias Lou-renco 100\$00	Moçam-bique livre 250\$00	400\$00	Id. 290.00	Um comu-nista 50.00
Abaixo o fas-cismo! 7\$50	Id. 400\$00	40\$00	Idem 120.00	Um grupo ferroviário 120.00
Abaixo o Marcello! 20\$00	Nei-meyer 40\$00	500\$00	Emblemas 50º 200.00	Uma fonte verne-lha 970.00
Azostinho Saboga 360\$00	No camº do pro-gresso 500\$00	200\$00	Emble-mas 50 Aniv. 10.00	Unidos com o C.C. 150.00
Alentejo Revol. 1.000\$00	Nova Luz 200\$00	80\$00	Estrada livre 50.00	Unidos com o P. 1.500.00
Amigo do Porto 1.500\$00	O comunis-ta triun-far! 80\$00	270\$00	F. Vicen-te 140.00	Unidos ideolo-gia 13.300.00
Amnistia 500\$00	Para o 50º do Par-tido 2.400\$00	50\$00	Ferreira Soares 40.00	Vig-lância 13.300.00
Anbala Livre 1.000\$00	Pato 40\$00	2.400\$00	Galinha Gogol 5.00	Vitimas do far-rafal 950.00
António Gerásio 200\$00	Paz em Moçambi-que 1.400\$00	40\$00	Guevara Ho-Chi-Minh 30.00	Vida a luta dos banc. 500.00
AR 50\$00	Paz no Vietnã 20\$00	20\$00	Imprensa livre 100.00	Vida a me-dicina socialista 100.00
Arrabal-de 5\$00	Pela queda do fascis-mo 500\$00	36\$00	Inicia-tiva 140.00	Vida a revolução 100.00
Artur Assim se tempera o aco 124\$00	Pela Revolu-ção 36\$00	1.000\$00	Inicia-tiva 140.00	Vida a revol. dem. e nac. 10.00
Pento Gonçal-ves 150\$00	Pela vitória da ARA 1.000\$00	50\$00	Revol. José Gregó-rio 700.00	Vida a revol. socialista 10.00
Bianqui Teixeira 1.000\$00	Pelo derrub. do fascis-mo 5.000\$00	40\$00	Revol. José Gregó-rio 700.00	Vida o PAIGC 300.00
Id. 220\$00	Pires Jorge 30\$00	40\$00	Revol. José Gregó-rio 700.00	Vida o P.C.P.! 107.50
Id. 50\$00	Pires Jorge 40\$00	30\$00	Revol. José Gregó-rio 700.00	Vida o Partido! 100.00
Cama-radas imgran-tes 150\$00	Poesia rebel-de 75\$00	40\$00	Revol. José Gregó-rio 700.00	Vida o P.C.P. (G) 60.00
Canais Rocha 350\$00	Poesia revol. 5.000\$00	50\$00	Revol. José Gregó-rio 700.00	Id. (MC) 100.00
Cat. Enf. 300\$00	Por uma luz q. alumie o povo 50\$00	150\$00	Revol. José Gregó-rio 700.00	Zé Povo 300\$00
Id. 400\$00	Por uma luz q. alumie o povo 50\$00	150\$00	Revol. José Gregó-rio 700.00	5 de Out. 10\$00
Id. (J) 530\$00	Por uma luz q. alumie o povo 50\$00	150\$00	Revol. José Gregó-rio 700.00	9 de Junho 200\$00
Corço 40\$00	Por uma luz q. alumie o povo 50\$00	150\$00	Revol. José Gregó-rio 700.00	30º aniv. (A.C.) 40\$00
Libertação dos presos 525\$00	Por uma luz q. alumie o povo 50\$00	150\$00	Revol. José Gregó-rio 700.00	59º aniv. P.C.P. 300\$00
Lumumba 600\$00	Por uma luz q. alumie o povo 50\$00	150\$00	Revol. José Gregó-rio 700.00	50 anos 10.00
Lutando vence-remos 150\$00	Por uma luz q. alumie o povo 50\$00	150\$00	Revol. José Gregó-rio 700.00	10.00
Mãe 500\$00	Por uma luz q. alumie o povo 50\$00	150\$00	Revol. José Gregó-rio 700.00	10.00

Os acordos sobre a emigração

O GOVERNO FRANCES AJUDA A GUERRA COLONIAL

O governo francês, ao serviço do grande capital e do imperialismo, entrou decididamente numa política de apoio e ajuda à guerra colonial contra os povo de Angola, Guiné e Moçambique.

Ao fornecimento de material de guerra, de aviões, de helicópteros; aos instrutores militares franceses; aos investimentos em África de braço dado com os colonialistas portugueses; à participação no barragem de Cabora Bassa; ao apoio diplomático; — somam-se agora os acordos sobre a emigração que entraram em vigor no dia 1 de Setembro.

Os acordos têm naturalmente objectivos económicos. A emigração anual de cerca de 100.000 trabalhadores, a rarefação de mão-de-obra em Portugal, a redução do «exército de reserva», (isto é do número de desempregados) criam condições favoráveis à luta por melhores salários. Ante as lu-

tas dos trabalhadores, os capitalistas pretendem abafar (nas palavras de M. Caetano) a «perigosa mentalidade de reivindicações». Apesar de que o governo precisa da emigração para que as divisas das remessas dos emigrantes ajudem ao equilíbrio da balança de pagamentos, precisa também de limitar a emigração para mais facilmente poder impôr uma política de baixos salários.

Do lado da França, uma certa saturação do mercado da mão-de-obra não qualificada e o actual aumento do desemprego criam problemas sociais, que o governo procura reduzir.

Além, porém, de objectivos económicos, um objectivo político de primeiro plano está por detrás destes acordos: procurar impedir a emigração de milhares de jovens, que anualmente se

(cont. na 5ª pag.)

Determinação e espírito de classe

(cont. da 3ª pag.)

missão enviou um telegrama de protesto ao governo.

Dezenas de milhares de trabalhadores noutros Sindicatos prosseguem a luta por novos Contratos Colectivos de trabalho que respondam às suas justas reivindicações.

— Milhares de metalúrgicos do Porto apinhados numa sala em Assembleia Geral, discutem os resultados da arbitragem do novo C.C.T. ainda não homologado.

— Protestam contra as manobras que estão retardando a assinatura do novo C.C.T. e reclamam a sua rápida entrada em vigor: **600 operários dos lanifícios de Tortozendo e mais de 1.000 operários dos lanifícios da zona da Covilhã**, em exposições ao ministro das Corporações. No mesmo sentido, é aprovada por aclamação uma exposição por um grupo de trabalhadores em reunião no Sindicato dos Lanifícios da Covilhã.

— reúnem-se no Sindicato com vista à discussão e resolução dos seus problemas: **450 trabalhadores dos telefones**, no Porto, **400 caixeiros em Lisboa**, **centenas de motoristas do distrito de Lisboa** (Secção de Privados), mais de **100 sapateiros**, no Porto, e muitos outros.

É esta justa acção dos trabalhadores em defesa dos seus interesses e para fazer respeitar os seus direitos, que M. Caetano classifica de «perigosa mentalidade de reivindicações e facilidades».

Na verdade, a luta reivindicativa dos trabalhadores, longe de constituir um perigo para o país, só pode ser perigosa para os interesses capitalistas e para a sobrevivência do regime. Por isso o governo caetanista não cessa de dirigir raivosos ataques ao movimento sindical, através da sua organização corporativa, da sua polícia, dos seus tribunais, das suas leis e arbitrariedades.

— Silveira Pinto, o «precioso» colaborador dos tubarões capitalistas

proibe autoritariamente as reuniões inter-sindicais a pretexto de não se coadunarem com a organização corporativa.

— O juiz do Tribunal, que adiará sine die o julgamento dos elementos da direcção dos metalúrgicos de Lisboa, põe mais uma vez a nu a sua função de laçao do regime fascista: a pedido do Instituto Nacional de Trabalho e Previdência, condenam julgamento os metalúrgicos; a pretexto de não terem pago os preparos do processo. Esta decisão é tanto mais escandalosa quanto é certo que foi o próprio Instituto Nacional de Trabalho que não indicou, como devia, na altura devida o valor do acção.

— O comandante da PSP do Porto, Santos Júnior, intervem directamente para impedir uma reunião sindical dos operários da FERFOP (Serrinha-Amarante) intimando as agências de camionagem a não alugarem nada aos metalúrgicos. Não conseguem impedir, porém, que a reunião se realizasse no próprio local e nela comparecessem 150 OPERÁRIOS que se destacaram a pé ou de bicicleta participando activamente na reunião.

— Com o maior desrespeito pela vontade e pelos direitos dos trabalhadores, o ministério das Corporações enviou mais uma vez uma delegação-fantasma à reunião anual do C.I.T. recusando-se a aceitar os representantes dos trabalhadores, que os Sindicatos já tinham eleito. Num reacção de protesto, CERCA DE 2.000 TRABALHADORES, principalmente de Lisboa e Porto, enviaram um abaixo-assinado àquela organização desmascarando a «delegação» portuguesa. O corporativismo fascista viu-se assim mais desacreditado e hostilizado do que nos anos anteriores.

Reforcando a luta nos Sindicatos e fora deles pela rápida assinatura dos Contratos Colectivos de Trabalho, desde o início até à fase final, acompanhando e apoiando as direcções da sua confiança, pressionando as menos combativas e desmascarando as direcções-lacaltes, intando contra a repressão, pela libertação das camaradas presas, escorregando as Comissões Administrativas, defendendo as direcções honestas e militantes sindicais que mais se destacam, os trabalhadores estarão vibrando profundos golpes no corporativismo fascista, poderoso arma nas mãos dos seus inimigos, que só a acção firme, unida e enraizada dos trabalhadores poderá ir enfraquecendo até à sua destruição total pela acção geral do povo português no derribamento do fascismo.

Neste caminho, só baseado num forte espírito associativo e de classe, o movimento sindical poderá fortalecer-se e avançar.

PESADAS DERROTAS DOS COLONIALISTAS

A campanha colonialista de desinformação sobre de tom, a par do avanço da luta libertadora dos povos de Angola, Moçambique e Guiné.

Comunicados de guerra falsificados, declarações altissonantes dos governantes fascistas, vozes desgarradas de «personalidades» obscuras ou em destaque, compradas no estrangeiro com o fim expresso de propagandear em indecorosamente as «delícias» da escravidão colonialista e as pseudo-vitórias dos exércitos colonialistas—tais são as armas a que o governo caetanista está recorrendo com frenesim procurando ocultar o insucesso das criminosas acções de guerra e de polícia contra os patriotas moçambicanos, guineenses e angolanos em luta pela sua libertação.

NA GUINÉ, o bombardeamento de Bissau pelas forças do PAIGC, que o nazi-colonialista Spínola tentou atabalhoadamente minimizar, no passado mês de Junho foi seguido de novos ataques vitoriosos dos patriotas guineenses.

EM ANGOLA, as sucessivas acções de sabotagem aos caminhos de ferro e outros meios de comunicação e o elevado número de baixas causados às tropas colonialistas pelo MPLA no período compreendido entre 1 de Janeiro e fim de Junho—506 mortos e feridos—reflectem só por si os importantes reveses que os fascistas colonialistas ali estão sofrendo.

Por mais que os comunicados dos altos comandos fascistas procurem fazer crer que estão diminuindo as actividades do MPLA, a crescente influência política deste movimento nacional-libertador manifesta-se em numerosas acções de que os fascistas nada dizem: acções da população negra de Luanda contra as tropas colonialistas; inscrições e pinturas de carácter anticolonialista nas paredes em Luanda, entre outras. O aumento da repressão fascista-colonialista é também sintoma de que as actividades do MPLA, longe de diminuir, vêm aumentando. Nos distritos de Luanda e Luso, apenas no mês de Abril, foram feitas 1.028 prisões de africanos. Nos quatro primeiros meses deste ano, foram presos pelas tropas colonialistas nada menos de 2.716 angolanos e raptados 396. Em contrapartida, no mesmo período de tempo, o número de fugas às tropas portuguesas chegavam a 686.

EM MOÇAMBIQUE, particularmente no distrito do Tete, onde está em construção a barragem de Cabora-Bassa, as coisas vão de mal a pior para os colonialistas. A tal ponto que, por uma vez, os comunicados dos altos comandos deixaram transparecer alguma coisa da realidade. Assim, o comunicado 10-71, de 21 de Outubro, confessa que se alarga a frente de luta dos patriotas moçambicanos e que cresce o apoio das populações à

FRELIMO. Di-lo, evidentemente, servindo-se do venenoso vocabulário fascista-colonialista em frases como: «a subversão alastrou» e «o inimigo muito fraco mas eficientemente diluído na população... proeureu e obteve efeitos psicológicos com um número reduzido de acções, quase esporádicas, mas bem localizadas».

Sobre os resultados dessas acções «reduzidas», eis apenas o que os altos comandos divulgam:

Morte por mina de um técnico português da Zanco (consórcio internacional a quem foi ajudada a construção de Cabora-Bassa); morte por mina de dois capitães do exército; morte, por mina, de um capitão e de um tenente do escalão terrestre da Força Aérea; morte de 40 régulos e fumos; destruição de um pontão do caminho de ferro; destruição parcial, a tiro, de um rádio-farol.

Como se vê, trata-se dum forte ofensiva da FRELIMO que, só o firme e amplo apoio das populações tornou possível e vitoriosa.

Compreende-se assim que o «certo nervosismo excessivo ou mesmo descabido» de que fala o mesmo comunicado traduzisse de facto o alarme e o pânico que tais acções provocaram entre os que engordam à custa da exploração do povo moçambicano e os que esperam perpetuar o colonialismo em Moçambique e alastrá-lo a outros países da África através da construção da barragem de Cabora-Bassa: colonialistas portugueses, imperialistas estrangeiros, racistas sul-africanos e rodésianos.

Só o medo da repercussão de tal «nervosismo» nos meios de informação internacional poderá explicar a confissão de tais derrotas.

Refeitos do verdadeiro nervosismo que também deles se apoderou, os altos comandos procuraram anular os efeitos da sua precipitação retomando logo no dia seguinte o seu estilo fanfarroneiro num novo comunicado desinformador alardeando grandes reveses infligidos à FRELIMO em Cabo Delgado, outro distrito do norte de Moçambique. Entretanto, uma pequena nota dissonante na orquestra da propaganda colonial não passou despercebida a muitos ouvidos: a voz de um escriba inglês «esclarecia» à maneira fascista-colonialista, a opinião pública internacional proclamando a sua surpresa ante «a calma e a determinação que reinam em todo o norte de Moçambique» que ele visitara precisamente no período a que se referem aquelas acções...

Para o desenvolvimento das acções do povo português contra as guerras coloniais, impõe-se a mais rápida resposta organizada à actual ofensiva de desinformação do governo caetanista. Acções como distribuição de manifestos e tarjetas anticolonialistas, arranque de cartazes militaristas, inscrições anticolonialistas, indicam que esta luta já começou. Mas ela tem de ser intensificada e alargada.

Desmascarar as mentiras colonialistas, exigir o direito de discutir o problema colonial, desenvolver amplas acções de apoio às acções de resistência nos quartéis e às acções da juventude contra as guerras coloniais, mobilizar massivamente as mulheres e os trabalhadores para esta nobre luta, é abreviar o fim do verdadeiro pesadelo que ensombra a vida e o futuro do povo português, o fim das criminosas guerras coloniais.

UM ACONTECIMENTO DE ALCANCE HISTÓRICO

A CHINA NA ONU

Durante 22 anos, a luta pelo reconhecimento à República Popular da China dos seus legítimos direitos de representação na ONU foi uma reivindicação central das forças progressistas do mundo, tendo à frente os países socialistas e o movimento comunista internacional.

Em nenhum momento, as actividades cisionistas dos dirigentes do P.C. da China contra os partidos irmãos e o movimento comunista internacional, a sua plataforma ideológica-política particular, as suas pretensões territoriais em relação a vastas áreas da União Soviética, a sua equívoca política internacional afastaram os países socialistas e os partidos comunistas desta justa batalha.

A entrada da China na ONU reproduz a imagem real do mundo de hoje, que as forças mais obstinadas do imperialismo, o imperialismo americano, procuraram iludir durante anos. Ela reflecte naturalmente a importância da China no mundo actual, mas é também uma vitória do movimento comunista internacional ao cabo de muitos anos de luta porfiada e consequente.

A presença da República Popular

da China nas Nações Unidas pode tornar-se um factor altamente positivo para a luta anti-imperialista, para a causa dos povos em luta pela libertação nacional e social, desde que os dirigentes chineses compreendam, finalmente, que a unidade de acção das forças anti-imperialistas, na nossa época, pode poupar aos povos do mundo muitos anos de sofrimentos e canceiras.

O governo francês ajuda a guerra colonial

(cont. da 4ª pág.)

recusam a ir para a guerra colonial.

Até agora, chegados clandestinamente à fronteira francesa, jovens refractários e desertores, como muitas dezenas de milhares de trabalhadores cada ano, conseguiram legalizar a sua situação. Doravante, não só as fronteiras francesas se lhes fecham, como serão ameaçados de expulsão e extradição.

Estes acordos constituem assim uma nova forma de ajuda do governo francês à guerra colonial conduzida contra os povos de Angola, Guiné e Moçambique.

Os acordos dificultam a vida e a luta dos trabalhadores e da ju-

COMUNICADO ESPECIAL DO PAIGC

Sobre os ataques efectuados contra Bissau e Bafatá

Na noite de 9 para 10 de Junho, uma unidade de artilharia, apoiada por grupos de infantaria do nosso Exército regular, conseguiu ultrapassar a linha defensiva do inimigo, para bombardear as posições portuguesas na cidade de Bissau. Prejuízos materiais importantes, assim como perdas em vidas humanas foram causados ao inimigo que, surpreendido, não manifestou qualquer reacção no decurso da operação. Depois do ataque, as autoridades coloniais impuseram um verdadeiro estado de sítio na capital, tendo a população civil, principalmente os africanos, sido forçada a permanecer em suas casas durante 24 horas.

Como apoio logístico e tático a esta importante operação, unidades do Corpo do Exército da Frente Nhacra-Morés efectuaram acções simultâneas e coordenadas contra todas as guarnições portuguesas situadas entre a cidade de Mansoa e a ilha de Bissau, particularmente Mansoa, Nhacra, Cumê e Bissa, provocando destruições consideráveis nas instalações inimigas e pondo vários militares colonialistas fora de combate.

Em 26 de Junho, unidades do Corpo do Exército da Frente Leste penetraram em Bafatá, segunda vila do país, submetendo a um ataque intenso as guarnições inimigas, o aeroporto principal e vários edifícios administrativos. Quatro casernas, a estação meteorológica e diversos outros edifícios de infraestrutura militar e administrativa inimiga foram destruídos, tendo as tropas colonialistas registado vários mortos e feridos. No dia seguinte, um contingente inimigo que tentava infiltrar-se na região sudeste de Bafatá, entre Demba Árabe e Gançoli, foi derrotado pelas nossas forças armadas, depois de ter registado 7 mortos e vários feridos.

Os ataques contra as posições colonialistas de Bissau e Bafatá marcam uma nova etapa na evolução político-militar da nossa luta de libertação nacional. Eles constituem também, se isso ainda for necessário, um flagrante desmentido às alegações mentirosas dos colonialistas portugueses segundo as quais nós agimos a partir dos países vizinhos, alegações que servem de pretexto para as agressões criminosas que eles levam a cabo contra as Repúblicas da Guiné e do Senegal.

No decurso destas operações, as nossas forças não registaram qualquer perda. Um engenho que não explodiu foi recuperado pelo inimigo em Bissau.

7 de Julho 1971

AMILCAR CABRAL
Secretário-Geral

ventude. Mas não alcançarão os seus objectivos. A luta por melhores salários e melhores condições de vida continuará, porque a «mentalidade de reivindicações», ou seja uma forte consciência de classe, ganhou as grandes massas trabalhadoras. A recusa a participar na guerra colonial continuará sendo um grande movimento de massas da juventude portuguesa.

E, em França, os trabalhadores, as forças democráticas e progressistas, não deixarão de desmascarar e fazer frente a esta política do governo de Pompidou-Chaban, ao serviço dos monopólios e do imperialismo.



No 54º aniversário da Revolução de Outubro



A URSS — GUARDA AVANÇADA DA PAZ BALUARTE DA LUTA ANTI-IMPERIALISTA

As comemorações do 7 de Novembro, neste ano do 54º aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro, que abateu definitivamente o poder do capital num imenso país e criou o primeiro Estado socialista do mundo — a União de Repúblicas Socialistas Soviéticas — ocorrem quando estão já em plena concretização as resoluções do XXIV Congresso do PCUS, que teve lugar, entre 30 de Março e 9 de Abril últimos.

Abordando de forma criadora os problemas de desenvolvimento da sociedade socialista soviética no caminho do comunismo, aprovando o 9º Plano Quinquenal cuja tarefa essencial consiste em promover uma elevação considerável do nível de vida material e cultural do povo soviético, o XXIV Congresso dedicou uma parcela considerável do seu labor à situação política internacional, dando dela uma caracterização marxista-leninista, definindo as grandes linhas da política externa soviética, incumbindo o CC e o governo soviético de complexas tarefas neste domínio.

A intensa actividade da diplomacia soviética verificada nos últimos meses, baseando-se nos princípios inalteráveis da política externa do Estado soviético, elaborados pelo seu genial fundador — Vladimiro Ilitch Lênine —, reflecte este labor do XXIV Congresso.

O programa para a luta pela paz

O programa para a luta pela paz e a cooperação internacional, para a liberdade e a independência dos povos apresentado, a largos traços, pelo camarada Bresnev, na tribuna do Congresso, concentra as respostas do PCUS relativamente aos problemas mais agudos e inquietantes da situação internacional. Alguns tópicos essenciais desse programa bastam para revelar o seu alcance extraordinário.

Preconiza ele:

Em primeiro lugar, liquidar os focos de guerra no Sueste Asiático e no Médio Oriente e regular a situação nessas regiões de acordo com o respeito pelos legítimos direitos dos Estados e povos agredidos. A renúncia ao emprego da força e às ameaças de empregá-la para resolver questões litigiosas deve tornar-se lei da vida internacional.

Em segundo lugar, estabelecer o reconhecimento definitivo das modificações territoriais verificadas na Europa em consequência da segunda guerra mundial, como coisa adquirida. Assegurar a celebração e o êxito da conferência pan-europeia. Anular simultaneamente o Tratado de Varsóvia e a Aliança Atlântica ou, como primeiro passo, liquidar as suas instalações militares.

Em terceiro lugar, estabelecer tratados proibitivos das armas nucleares, químicas e bacteriológicas. Conseguir que se ponha fim em toda a parte às experiências de armas nucleares, incluindo as subterráneas. Realização de uma conferência de cinco potências nucleares — URSS, P. China, França, EE. UU e Inglaterra — com vista ao desarmamento nuclear.

Em quarto lugar, intensificar a luta para a cessação da corrida aos armamentos de todos os tipos. Convocação de uma conferência mundial para examinar em todos os seus aspectos a questão do desarmamento. Liquidação das bases militares em território alheio. Redução dos gastos militares.

Em quinto lugar, realizar plenamente as decisões da ONU acerca da liquidação dos regimes coloniais ainda existentes. Condenação e boicote das manifestações de racismo e de «apartheid».

Em sexto lugar, a declaração de que a União Soviética está pronta a reforçar as relações de cooperação mutuamente vantajosas em todos os domínios, com os Estados que as desejem.

As múltiplas iniciativas da União Soviética no domínio internacional, nomeadamente as visitas dos seus dirigentes ao Vietnam do Norte, a Cuba, à Jugoslávia, ao Egipto, à Índia, à Argélia, a Marrocos, à França, ao Canadá, as conversações realizadas em território soviético com dirigentes da Alemanha Federal, do Egipto e outros países, a anunciada viagem de Nixon à URSS, estão ligadas, em boa parte, à concretização deste programa.

Constituindo um plano de acção que reflecte os anseios e a vontade das forças progressistas e dos povos do mundo, ele está destinado a desempenhar um papel decisivo na vida internacional.

Factos recentes, como a imposição ao imperialismo do reconhecimento da linha Oder-Neisse como fronteira ocidental do Estado polaco, o reconhecimento de Berlim Ocidental como cidade livre, a entrada da China Popular na ONU, mostram que a acção conjunta da União Soviética, dos outros países socialistas, do movimento comunista internacional, do movimento nacional libertador, da opinião democrática e progressista do mundo é suficientemente forte para forçar o imperialismo a recuar em questões capitais.

Luta sem tréguas contra o imperialismo

Para uma correcta compreensão do seu alcance este programa tem de ser inserido no conjunto da actividade externa do PCUS e nas grandes linhas que a orientam.

Da análise da situação internacional o XXIV Congresso concluiu nas suas resoluções:

«A natureza reaccionária e os objectivos agressivos manifestam-se com a maior evidência na política do imperialismo americano que representa o mais grave perigo para a independência dos povos e a paz universal. A orientação agressiva da política exterior, a propensão para o militarismo que traz consigo o perigo de uma guerra mundial são particularmente característicos dos Estados Unidos. As forças da agressão e da guerra estão igualmente activas nos outros países imperialistas.»

O reforço da unidade e da acção das forças anti-imperialistas continua, assim, a ser condição de salvaguarda da paz e do progresso

da causa da revolução no Mundo.

De acordo com a conclusão da Conferência Internacional dos Partidos Comunistas e Operários de 1969, segundo a qual «o sistema socialista mundial é a força decisiva da luta anti-imperialista», o XXIV Congresso dedicou grande atenção ao fortalecimento da unidade e coesão dos países socialistas, encarregando o CC do PCUS de «reforçar e desenvolver a cooperação com os partidos comunistas e operários dos Estados Socialistas de que depende, em primeiro lugar, a unidade e coesão do sistema socialista mundial», de desenvolver a cooperação com os Estados Socialistas no domínio da política internacional e das relações económicas, nomeadamente, desenvolvendo a integração económica. Os intensos contactos da União Soviética com os outros países socialistas, os progressos feitos já depois do XXIV Congresso no domínio da integração económica, mostram que se marcha a bom ritmo na concretização destes objectivos.

Aspecto concreto da solidariedade socialista são as relações de firme amizade combativa que ligam o PCUS e o povo soviético ao Partido dos Trabalhadores do Vietnam e à República Democrática do Vietnam. Esta solidariedade foi mais uma vez posta em destaque pelo camarada Bresnev ao proclamar na tribuna do Congresso: «A República Democrática do Vietnam pode estar segura de que tanto na luta armada como no trabalho pacífico continuará contando com o apoio fraterno da União Soviética.» Manifestação do fortalecimento da solidariedade socialista, de acordo com as resoluções do XXIV Congresso, são as visitas e conversações de Podgorni no Vietnam e de

Kosiguine em Cuba.

Na linha de reforço da frente anti-imperialista mundial integram-se as resoluções do XXIV Congresso para reforçar a aplicação dos princípios leninistas de solidariedade com os povos que lutam pela sua libertação nacional e social; para fortalecer a coesão do movimento comunista internacional, o seu papel na luta anti-imperialista, a sua coerência política e a sua unidade ideológica marxista-leninista; para desenvolver e estreitar as relações com os partidos democráticos revolucionários dos países em desenvolvimento.

Bresnev deu uma síntese da política externa da União Soviética quando afirmou na tribuna do Congresso:

«Declaramos que, ao aplicar consequentemente a política de paz e amizade entre os povos, a União Soviética continuará a lutar resolutamente contra o imperialismo e dará uma firme resposta às intrigas e actividades subversivas dos agressores. Como até agora, apoiaremos a luta dos povos pela democracia, a libertação nacional e o socialismo.»

Passados 54 anos sobre a Grande Revolução Socialista de Outubro, o primeiro Estado de Operários e Camponeses transformou-se no mais poderoso país da terra — a União Soviética dos nossos dias — mas a sua política externa mantém-se constantemente fiel ao legado de Lênine: a solidariedade internacionalista militante com todos os povos que lutam pela libertação nacional e social. O gigantesco poderio económico, científico e militar erigido na URSS em meio século de construção de uma sociedade nova é a mais firme garantia de sucesso da luta dos povos oprimidos do mundo contra o imperialismo opressor.

SAUDAMOS A CLASSE OPERÁRIA ESPANHOLA EM LUTA

Em Barcelona, nas Astúrias, em Madrid, Pamplona e noutras cidades de Espanha, dezenas de milhares de trabalhadores recorrem à greve, fazem manifestações de rua e enfrentam valentemente as forças repressivas, reclamando aumento de salários e outras reivindicações imediatas.

A greve com ocupação das fábricas de 21.000 operários da SEAT, pela readmissão de 20 operários despedidos e contra a exploração, pôs à prova a impotência das forças policiais face à unidade inquebrantável dos trabalhadores e à força im-

batível da solidariedade operária: greves de solidariedade tiveram lugar em numerosas empresas de Barcelona; nas poderosas e sucessivas manifestações de rua que realizaram, os operários da SEAT tiveram a seu lado o povo trabalhador.

Da bestial violência das forças repressivas, que dispararam criminalmente contra os trabalhadores em luta, resultou a morte de 8 operários, além de dezenas de feridos e de dezenas de prisioneiros. Apesar disso, a batalha saldou-se por uma grande vitória para os trabalhadores: os operários despedidos foram readmitidos. Retomando o trabalho, os trabalhadores não abandonaram a luta, recorrendo a paralisações e ao trabalho lento para impor a satisfação das suas mais prementes reivindicações.

A greve dos 10.000 mineiros das Astúrias que prosseguia ao cabo de 2 semanas, foi igualmente apoiada por greves de solidariedade dos operários de outras empresas. Interpretando o sentir da classe operária e dos trabalhadores de Portugal, o «Avante!» saúda com entusiasmo a valente classe operária espanhola que ergue com valentia a sua bandeira de combate, e assegura-lhe a sua completa solidariedade.

RÁDIO PORTUGAL LIVRE

Emissora portuguesa ao serviço do povo, da democracia e da independência nacional.

Transmite diariamente das 8 às 8.30 em 19 metros, das 19 às 21 horas em 19 e 26 metros. A última emissão é transmitida das 0,20 às 0,50 em 26, 32 e 36 metros.

Aos domingos transmite ainda das 13 às 13.30 em 19, 20, 25 e 26 metros.